

Disciplinas oferecidas em 2026/2

Código: LIT954 - Turma: A - Nível: M/D - 30 horas - 2 Créditos

Disciplina: Seminário de Teoria da Literatura (A 'REPOSIÇÃO' NARRATIVA DO REAL: O RELATO FACTUAL EM PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR E INTERMIDIAL)

Área de Concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada

Professor(es): MARTIN KOVAL

Ementa:

A narração é, talvez, a forma mais elementar de organizar o discurso e, portanto, o pensamento. Isso não significa que seja desprovida de complexidade, mas que é primária em relação a outros tipos textuais, como a explicação ou a argumentação, na medida em que constitui sua condição de possibilidade: para explicar (a nós mesmos) algo ou defender um argumento (ainda que apenas em nossa mente), precisamos primeiro fazer uma reconstrução narrativa, construir um "relato". A narração, além disso, está presente na cultura humana desde os primórdios, dada sua função primordial de contribuir para reter e conferir sentido aos acontecimentos da realidade, que estão sujeitos à passagem do tempo e são, em maior ou menor medida, inevitavelmente efêmeros.

Ao estudar a forma como os textos narrativos são construídos e interpretados (mitos, lendas, contos, romances, fontes históricas, textos historiográficos, notícias jornalísticas, crônicas, autobiografias, anedotas, fofocas, filmes, documentários, parábolas bíblicas, confissões, discursos políticos, relatos de pacientes, entre muitos outros), é necessário partir de uma determinada concepção dos limites e das relações existentes entre o discurso factual (= com pretensão de verdade) e o discurso ficcional (= sem pretensão de verdade referencial). Os fatos preexistem ao relato factual, que os constata; no relato ficcional, em contrapartida, são criados ex nihilo em um ato de imaginação.

O termo "narração factual" (récit factuel) foi cunhado por Gérard Genette em *Ficção e dicção* (1991) e diferenciado do de "narração ficcional" a partir do pacto de leitura que se estabelece em cada caso. Os textos factuais fazem parte de uma comunicação real e são compostos de orações enunciadas por um autor que são interpretadas pelo leitor como afirmações com pretensão de verdade referencial. Os textos ficcionais também configuram uma comunicação real entre um autor e um leitor, mas são, por assim dizer, mais complexos que os factuais, porque configuram, junto a essa situação comunicativa real, à maneira de uma citação textual, uma segunda situação comunicativa, de caráter imaginário, entre um narrador e um leitor imaginários. Embora o problema da representação ficcional da realidade seja abordado de forma tangencial, o foco do curso estará no estudo do relato factual e suas múltiplas formas de manifestação na sociedade.

O interesse pelo estudo da narração em ambientes não ficcionais é relativamente tardio em relação à abordagem da narração na literatura. A irrupção do linguistic turn ("virada linguística") no final da década de 1960, sobretudo nos âmbitos da historiografia e do jornalismo, representou um passo inicial na direção do reconhecimento da importância da textualidade narrativa em contextos extraliterários. A metahistorização proposta por Hayden White em diversos textos, como *Metahistória*. A imaginação histórica na Europa do século XIX (1973), e o "novo jornalismo" ("New Journalism"), "fundado" por Tom Wolfe em seu artigo *The New Journalism* (também de 1973) – mas praticado anteriormente na Argentina por Rodolfo Walsh em *Operação Massacre* (1957) –, são, sem dúvidas, marcos fundamentais no reconhecimento da centralidade da narração, permanecendo como objeto de intensos debates.

Por sua vez, em 1967, William Labov e Joshua Waletzky realizaram, no âmbito da sociolinguística, seus famosos estudos sobre a narração oral em contextos “naturais”, ou seja, na vida cotidiana. As contribuições de Labov e Waletzky fomentaram o desenvolvimento de estudos sobre narração em âmbitos até então insuspeitados. Um caso muito ilustrativo é o da medicina. Em uma tentativa de deixar de lado o paradigma do “interrogatório” na entrevista médica, a partir da década de 1980 começou a se consolidar a ideia de que a narração da experiência da doença desempenha um papel importante na relação médico-paciente e, portanto, no diagnóstico e tratamento médicos. É nesse contexto que surge a medicina narrativa. Essa “virada narrativa”, além disso, pode ser observada em todas as disciplinas, inclusive nas Ciências Exatas e Naturais, a partir da década de 1990.

A presente disciplina, cujo eixo é o estudo interdisciplinar da textualidade narrativa factual enquanto veículo de representação da realidade (existencial, antropológica, laboral, cultural, sanitária, psicológica, econômica, social, política, criminal, policial, etc), propõe um percurso por seus usos e funções em diversas esferas da produção textual e em diferentes meios e suportes. O objetivo é gerar insumos (categorias, ferramentas de análise) que possam ser utilizados pelos/as estudantes em suas próprias pesquisas. Serão abordadas tanto a narração oral (no âmbito da vida cotidiana ou na medicina, por exemplo) quanto a escrita, explorando não apenas os âmbitos “canônicos” do uso da narração não ficcional (a historiografia e o jornalismo), mas também aqueles que receberam menos atenção, como é o caso do direito, da antropologia, da medicina e das ciências naturais.

Programa:

PARTE A

Unidade 1. A narração e o relato

A textualidade narrativa como forma elementar. Funções comunicativa, explicativa e cognoscitiva da narração. Suportes e meios da narração. A matriz antropológica da narração no contexto das definições estruturalistas. O texto narrativo na perspectiva da linguística textual. A narração como tipo textual. Narração mínima e relato. A função rememorativa da narração. Descrição e narração. Explicação e narração. A constituição narrativa: história e discurso. A definição do relato em Gérard Genette e suas limitações. Enfoques “pós-clássicos” da narração. Os gêneros discursivos narrativos no campo factual.

Unidade 2. A narração factual

A narrativa factual e sua relação com a ficção. Distinções terminológicas: fático, factual, não ficcional. Definições semânticas, sintáticas e pragmáticas do factual/do ficcional. O factual como gradação: textos com factualidade “forte” e factualidade “fraca”. Marcas de ficcionalização em um texto factual. Âmbitos sociodiscursivos, gêneros e regimes de verdade. Hibridizações possíveis entre o factual e o ficcional. As narrativas factuais e a interdisciplinaridade. A variabilidade diacrônica das concepções e práticas da factualidade narrativa. Auge dos estudos sobre narração factual a partir do último quarto do século XX.

PARTE B

Unidade 3. O tempo

O problema do tempo na narração. Tempo narrado e tempo da narração. A ordem. Uma tipologia das alterações da ordem do relato: analepses e prolepses. A duração ou ritmo do relato: cena, dilatação, resumo, elipse e pausa. A duração na narração judicial e nas crônicas de autoajuda (análise de casos). Relação com a produção de efeitos de surpresa, curiosidade e suspense. A frequência: relato singulativo, repetitivo e iterativo. Frequência e tipos de reconstrução do passado nos relatos de sofrimento (illness narratives) no âmbito médico. Interpretação das distorções temporais do relato factual no âmbito médico desde uma perspectiva retórica (James Phelan).

Unidade 4. Modo: distância e focalização

A distância narrativa no relato de palavras e na reprodução do pensamento: showing e telling. A reposição do diálogo: do estilo direto ao indireto livre e a reformulação completa do dito por outro. Reprodução do pensamento dos participantes em textos jornalísticos e historiográficos. A manipulação da distância em textos de arqueologia e antropologia etnográfica. Ponto de vista e focalização. As cinco dimensões da perspectiva (Schmid): linguística, temporal, espacial, ideológica e perceptiva. A perspectiva no testemunho. A noção de “narrador onisciente” e sua aplicabilidade em textos factuais: o caso particular do discurso científico.

Unidade 5. Voz: quem fala no relato?

Os graus de participação do narrador na história: narradores homo e heterodiegéticos. A autodiegeticidade em relatos de sofrimento e de pessoas migrantes. Narrador e ethos no discurso político. A autoconstrução identitária do narrador em relatos de empreendedores de pequenas e médias empresas (PMEs). Marcos narrativos e relatos factuais enquadrados. O presente da narração e sua relação temporal com o narrado. O relato ulterior como caso paradigmático. A narração simultânea em relatos esportivos. Relato intercalado nas narrativas transmídia: deslocamentos suburbanos e narrador no X (ex-Twitter). Os casos da notícia de última hora (breaking news) e da notícia seriada. O autor e o leitor implícitos.

Unidade 6. Os elementos do mundo narrado: o quê

As noções de “ação” e “acontecimento”. Acontecer, evento, história e episódio. A motivação e a explicação causal. Das causalidades lineares à noção de “campo causal” (causal field). O efeito de realidade. Começo, meio e fim. Complicação, ponto de inflexão e resolução nas ‘histórias trampolim’ (springboard stories) do marketing empresarial. O esquema de ação e o sentido global dos relatos. Os agentes e os demais participantes dos textos factuais. A caracterização de participantes em documentos policiais. A (atribuição de) intencionalidade no discurso jurídico e na anedota pessoal. A recepção afetivo-valorativa dos participantes e sua regulação narrativa para alcançar diversos fins. O espaço e seus limites. A construção do cenário narrado.

Bibliografia:

Unidade 1

Martínez, M. (2011). O que é narrar? [Trad. para uso interno do capítulo “Was ist Erzählen?” In Martínez, M. (ed.), Handbuch Erzählliteratur (pp. 1-12). Stuttgart: Metzler]

Ryan, M.-L. (2007). Rumo a uma definição da narração. [Trad. para uso interno do artigo “Toward a Definition of Narrative”. In: Herman, D. (ed.), The Cambridge Companion to Narrative (pp. 22-35). Cambridge U. Press]

Unidade 2

Genette, G. (1993 [1990]). Relato ficcional, relato factual. In Ficción y dicción (pp. 53-76). Barcelona: Lumen.

Schaeffer, J.-M. (2009). Barração ficcional vs. factual. [Trad. de Analía Reale do artigo “Fictional vs. Factual Narration”. In Hühn, P. et al. (eds.), The Living Handbook of Narratology (pp. 98-113). Hamburgo: Universidad de Hamburgo]

Unidade 3

Genette, G. (1989 [1972]). Discurso do relato. Figuras III. Buenos Aires: Lumen.

Phelan, J. (2023). Capítulo 7. Tiempo. [Trad. para uso interno do capítulo 7, “Time”. In Narrative Medicine. A Rhetorical Rx (pp. 103-119). Nueva York: Routledge]

Unidade 4

Martínez, M./Scheffel, M. (2019). § Distância. [In Martínez, M./Scheffel, M., Einführung in die Erzähltheorie. Será fornecido um arquivo Word com a tradução da nova versão deste livro, a cargo de M. Koval, atualmente em impressão.]

García, V. (2023). El punto de vista en el relato factual. Una aproximación a partir del testimonio. Revista Argentina de Investigación Narrativa (RAIN) 3, 6, pp. 123-144. <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/rain/article/view/7477/7691>

Unidade 5

Martínez, M./Scheffel, M. (2019). Voz. [In Einführung in die Erzähltheorie. Será fornecido um arquivo Word com a tradução da nova versão deste livro, a cargo de M. Koval, atualmente em impressão.]

Prince, G. (1982). O narrador. [Trad. para uso interno do capítulo “The Narrator”. In Narratology. The Form and Functioning of Narrative (pp. 7-15). Berlín / Nueva York, Mouton]

Unidade 6

Carranza, I. (2016). Causalidad y lugar en la práctica narrativa interaccional: el macrorelato de la violencia en el barrio. Linguagem em (Dis)curso 16, 1, pp. 79-101. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-160104-3015>

Greimas, A. (1989 [1973]). Los actantes, los actores y las figuras. In Ensayos semióticos (pp. 57-78). Trad. de E. Diamante. Madrid: Gredos.

Koval, M. (2021). Del personaje a la persona. Una contribución al estudio de la caracterización de personas reales en textos narrativos factuales. *Noésis* 31/61, pp. 227-242.

Pré-requisitos:

Nenhum

Outras exigências:

Nenhuma